

Pessoa na língua de Baudelaire

Fernando Carmino Marques*

PESSOA, Fernando (2014). *Poèmes français*. Edition established and annotated by Patricio Ferrari in collaboration with Patrick Quillier. Preface by Patrick Quillier. Paris: Éditions de la Différence.

Sob o título *Poèmes Français* Patricio Ferrari (em colaboração com Patrick Quillier) reúne num só volume a produção poética de Fernando Pessoa na língua de Baudelaire, colocando assim à disposição do público francófono, conhecedor ou não da obra do poeta do “drama em gente”, os poemas por ele escritos diretamente em francês. Publicado em 2014 na coleção Clepsydre da editora parisiense La Différence, o livro fornece em mais de quatrocentas páginas, além de poemas completos, inacabados, ou em esboço, uma ampla informação paratextual suscetível de contribuir para uma mais fácil contextualização desta componente da obra pessoana.

Antes de chegar à leitura de “Trois Chansons Mortes” (o único poema em francês publicado em vida por Pessoa) que inicia esta espécie de antologia, o leitor dispõe de um longo estudo introdutório de Patrick Quillier, em que se contextualizam e analisam os poemas agora reunidos, e de uma nota de apresentação tão completa quanto possível, para não dizer quase exaustiva, da responsabilidade do editor Patricio Ferrari.

Nas mais de quarenta páginas que servem de prefácio aos *Poèmes Français* Quillier propõe ao leitor um estudo extensamente intitulado “Petit traité d’ontologie appliquée en guise de prolegomènes à la lecture des poèmes français de Fernando Pessoa” em que enfatiza a importância destes poemas para a compreensão do conjunto da poesia de Pessoa e seus heterónimos. Nestes poemas franceses Quillier diz encontrar, pelo menos em alguns deles, matéria suficiente para afirmar (p. 14) que: “le corpus des poèmes français permet parfois de mieux comprendre le reste de l’oeuvre pessoenne” [“o corpus dos poemas franceses contribui, por vezes, para uma melhor compreensão do resto da obra pessoana”], ou ainda que há várias passagens do corpus francês que podem pretender ao estatuto de paradigma do paradoxo e/ou do oxímoro: “plus d’un passage d’ailleurs du corpus français peut prétendre au statut de paradigme du paradoxe et/ou de l’oxymore” (p. 27) [“aliás, certas passagens deste corpus francês poderiam servir de paradigma do paradoxo e/ou do oxímoro”].

A partir destas considerações, Patrick Quillier, recorrendo a conceitos, como “hétéroglossie” e “acousmate”, definidos respetivamente como “le dispositif

* UDI – Instituto Politécnico da Guarda.

d'usage créatif de langues non maternelles" ["o dispositivo de uso criativo nas línguas não maternas"] e "des sons fictifs ou hallucinés" ["sons fictícios ou alucinados"] que contêm em si "comme des résonances ou des évocations d'autres acousmates" (p. 11) ["como ressonâncias ou evocações de outros acusmáticos"], assim como a uma terminologia própria a uma certa crítica literária pós-estruturalista, propõe-se penetrar no mistério da poesia para desmontar dans l'économie générale de l'oeuvre" (p. 9) ["na economia geral da obra"] "le dispositif hétéronymique" (p. 15) ["o dispositivo heteronímico"] de "l'atelier de l'hétéronymie" (p.12) [do "atelier da heteronímia"] pessoana e assim poder afirmar que a heteronímia tem certamente a sua origem num espaço mental de natureza acusmático: "L'hétéronymie personne s'origine donc très certainement dans un site mental de nature acousmatique" (p. 11) ["A heteronímia pessoana tem certamente a sua origem num recanto mental de natureza acusmática"]. Quillier também afirma que a obra de Pessoa diz respeito a uma "ontologie du paradoxe indissociable d'un maniérisme concerté de l'écriture"(p.28) ["ontologia do paradoxo indissociável de um maneirismo cuidadosamente pensado na escrita"], paradoxo que não somente é necessário à heteronímia como constitui o seu motor. Refira-se que por maneirismo da escrita Quillier entende não um qualquer movimento da história literária, mas uma técnica apurada de diferenciações infinitas e por vezes infinitesimais de que Pessoa teria com brilho demonstrado a maestria: "une technique éprouvée de différenciations infinies, dont Pessoa a manifesté avec éclat la maestria" (p.29) ["uma técnica apurada de variantes infinitas que Pessoa, com brilho, mostrou plenamente possuir"].

Do longo e pormenorizado exercício de explicação do universo pessoano a partir dos *Poèmes Français* que o estudo de Quillier julgo constituir, e não obstante a pertinência de algumas das suas observações, uma dúvida se me apresenta ao espírito: caberá Pessoa nos limites aqui sugeridos por Patrick Quillier, na sua visão predominantemente dominada por alguns aspetos formais da poesia de Fernando Pessoa? Perante esta dúvida ocorreu-me igualmente ao espírito os versos escritos por Pessoa, em seu nome próprio, dois anos antes de morrer, versos que, para mim, soam como um aviso por antecipação a qualquer tentativa de interpretação afirmativa sobre a sua obra: "Ninguém conhece quem sou. | Nem eu mesmo me conheço" (em "A miséria do meu ser", de 19-9-1933; cf. 61B-27^r, em *Poemas de 1931-1933*, Lisboa, INCM, 2004, p. 145).

Ao prefácio de Patrick Quillier seguem-se as dezassete páginas que constituem a "Note sur la présente édition" ["Nota sobre a presente edição"] do editor Patricio Ferrari, já experiente em matéria de edição de obras de Fernando Pessoa. Para o presente livro Ferrari trabalhou diretamente, e longamente, a partir dos espólios existentes da obra de Pessoa: o arquivo Pessoa à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal; o acervo conservado na Casa Fernando Pessoa e a coleção particular de Manuela Nogueira, sobrinha do poeta, conforme o editor assinala.

Isto para reunir, e pela primeira vez publicar, uma edição completa dos poemas escritos em francês pelo autor de *Mensagem*, edição dirigida não apenas a um público exclusivamente constituído por especialistas da obra de Fernando Pessoa mas ao leitor em geral, atual e futuro: “notre intention étant d’atteindre un lectorat qui aille bien au-delà des cercles spécialisés dans l’oeuvre de Fernando Pessoa, tout en offrant à ces derniers comme à la part la plus curieuse des futurs lecteurs le maximum d’informations utiles” (p. 58) [“é nossa intenção chegar a um leitor não limitado aos círculos especializados na obra de Fernando Pessoa, embora fornecendo a estes e à parte mais curiosa dos futuros leitores as informações mais úteis”].

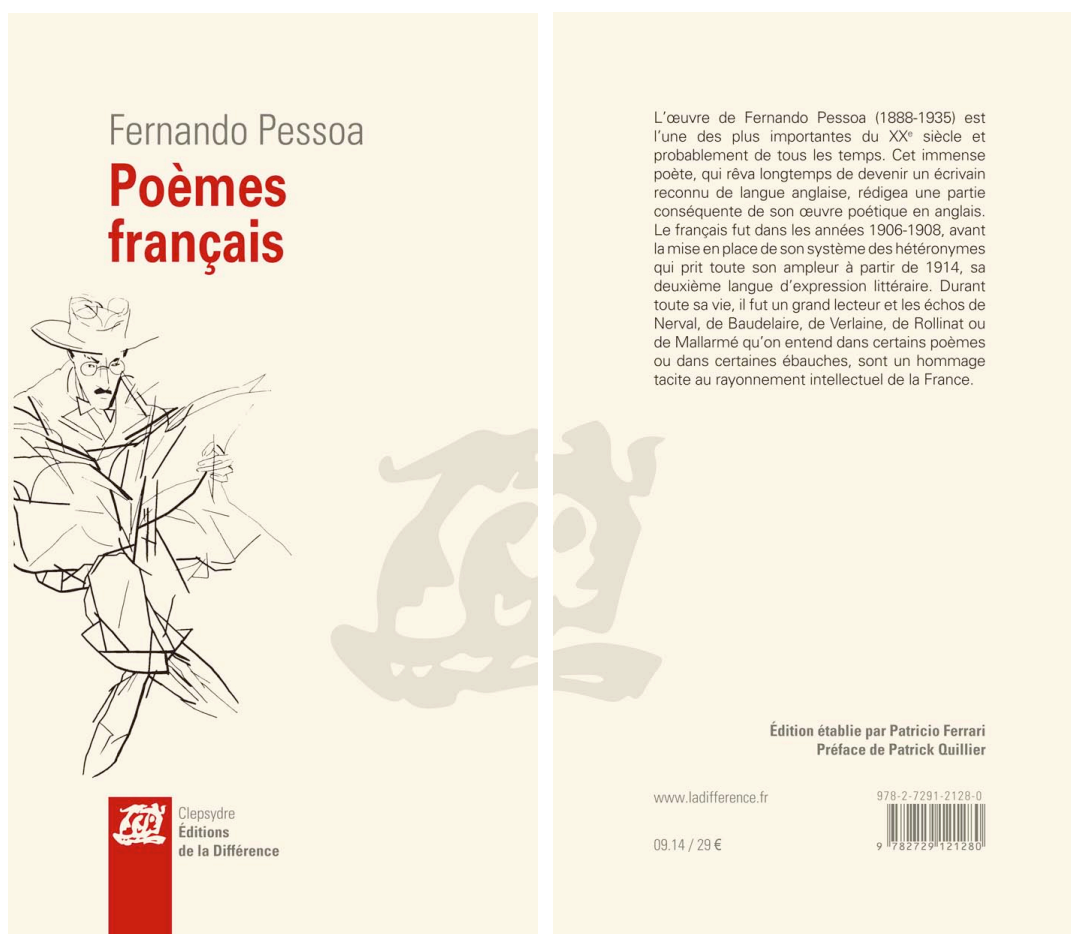


Fig. 1. Capa e contracapa de *Poèmes français*

Para pôr ordem na desordem que o *corpus* disponível apresenta, o editor entendeu organizá-lo por ordem cronológica, mas considerando ao mesmo tempo a especificidade de cada um dos textos. Assim, esta edição dos poemas escritos em francês de Fernando Pessoa apresenta-se dividida em nove capítulos. O poema publicado em vida pelo poeta, “Trois Chansons Mortes”, que já atrás assinalei, serve de ponto de partida para esta antologia; sucedem-se os poemas concluídos; os versos soltos, “Quelques vers” (um dos títulos dado por Pessoa a alguns

poemas em francês); os poemas inacabados; os cinco poemas de figuras literárias, nomeadamente Alexander Search; um poema mediúnico; os poemas rasurados (três ao todo); os sete fragmentos e as três traduções dos poemas de António Boto.

Dos 183 textos apresentados, escritos em três períodos distintos da vida do poeta, 1907-1908; 1912/1913-1919 e 1933-1935, quase metade, 88, data dos anos 1907-1908, período em que Pessoa abandona o Curso Superior de Letras em Lisboa e inicia diversas atividades profissionais. Se o recurso ao francês se mantém no segundo período em número próximo do período anterior, não deixa de ser interessante constatar que entre 1919 e 1933 apenas um texto, e rasurado, tenha sido revelado pelo editor e que vinte e um textos, incluindo as três traduções, tenham sido redigidos durante os dois últimos anos de vida do poeta, 1933-1935, oito desses poemas concluídos e nove por concluir, todos, se exetuarmos, “Quand tu chantaïs” (pp. 267-268), breves, talvez simples anotações de ideias a desenvolver, por vezes, numa perspetiva formal, bastante próximos da quadra popular, dou como exemplo dois poemas em que os primeiros versos são quase idênticos: “J’ai trouvé une rose | Sur les marches de l’escalier” e “J’ai trouvé couverts de roses | Les marches de l’escalier” (pp. 269-270). É possível que para este despertar da inspiração poética em francês não seja estranho o convívio que nessa altura Pessoa mantinha com Pierre Hourcade que desde 1930 se esforçava para dar a conhecer em França a sua poesia através da publicação de vários artigos e de algumas traduções de Pessoa e seus heterónimos, suposição que não me parece totalmente desprovida de fundamento atendendo à relação de amizade entre os dois e à leitura da carta a Luiz Pedro Moitinho de Almeida, de 9 de novembro de 1931 (carta igualmente referida por Patricio Ferrari nesta sua edição dos *Poèmes Français*, p. 68) em que o poeta desaconselha a Moitinho de Almeida de escrever em francês porque ele próprio tem um amigo, “profundo conhecedor de francês”, que lhe pediu (referindo-se ao poema “Trois Chansons Mortes”) para “não repetir a proeza” de publicar em francês, e que só se deve escrever numa língua quando esta é intrínseca “isto é, com os pensamentos formados organicamente nela”. De facto, num estudo que durante muitos anos ficou inédito Pierre Hourcade reconhece, por experiência própria, quanto Pessoa dominava quase perfeitamente escrita e oralmente o francês, embora não pareça ter apreciado esta vertente poética de Pessoa na medida em que não hesita em qualificar os poemas franceses, pelo menos os que conhecia, de “infrassimbolismo” (Luiz Pedro Moitinho de Almeida, *Algumas Notas Biográficas sobre Fernando Pessoa*. Setúbal: Tipografia do Sado, 1954, p. 17.)

Apesar desta opinião, e mesmo se Pessoa afirma em tom humorístico, na referida carta, que “não escreveria um livro nessa língua a não ser sob ameaça de fuzilamento sumário ou coisa parecida”, os poemas em francês estão agora, pela primeira vez, reunidos para o público em geral graças ao trabalho metuculoso de Patricio Ferrari que, depois de relembrar as várias fases e tentativas de publicação

que precederam a atual edição, que inclui 77 inéditos, situa e contextualiza cada um dos textos apresentados ao mesmo tempo que lhe acrescenta abundante e elucidativa informação a fim de proporcionar ao leitor uma perspectiva mais abrangente dos poemas agora editados no conjunto da obra pessoana. Um trabalho de reconstituição textual, atendendo o estado em que cada um destes poemas se encontra no manuscrito original, que leva o editor a assinalar, nas “Notes sur l’établissement du texte” (p. 61) [“Notas sobre o estabelecimento do texto”], o cuidado posto na edição destes textos no que à revisão ortográfica diz respeito mas também relativamente a gralhas e erros de conjugação e de sintaxe, assim como o preenchimento de lacunas na pontuação; a disposição dos versos e até uma chamada de atenção para alguns lusitanismos utilizados por Pessoa nos poemas em questão. Edição que, pela, pela sua especificidade, conforme Ferrari assinala, não pretende servir de modelo a futuras edições mas sim pôr em relevo a singularidade do *corpus* reunido: “notre édition ne se veut pas pour autant un modèle que les éditeurs futurs devraient reprendre, car elle entend avant tout être adaptée au corpus singulier qui est le sien” (p. 58) [“a nossa edição não pretende constituir um modelo a seguir pelos futuros editores, pretende sim adaptar-se à singularidade do *corpus* que a constitui”]. Uma linha editorial que tem como principal objetivo colocar à disposição do leitor um número significativo de textos revelador de mais um aspeto da inspiração e produção poética de Pessoa e deste modo contribuir para contrariar o estatuto secundário atribuído por vários editores aos poemas franceses durante largos anos (cf. “Ce statut mineur attribué aux poèmes français”, p. 55). De facto, além da importância de ver reunida a totalidade da produção poética em francês de Fernando Pessoa, a presente edição dos “Poèmes français” inclui alguns textos de inquestionável interesse suscetíveis de constituir a prova que qualquer que seja o idioma escolhido Pessoa é igual a ele-próprio, quer nos temas que lhe são recorrentes, quer na implacável lucidez que põe em tudo o que escreve; a título de exemplo, cito apenas o dístico “Dans cette ombre et dans ce silence | Je ne suis rien-ni moi-même” (p. 207) [Nesta sombra e neste silêncio | Não sou nada- nem eu mesmo sou], que, como tantos outros nesta edição, ficou por desenvolver e concluir, e o poema incompleto “Quels grands acteurs que nous sommes”, poema que pelo tema me lembra o famoso monólogo de Jacques na peça de Shakespeare, *As You Like It* (ato II, cena VII), e que começa por “All the world is a stage”; no poema de Pessoa todos nós somos atores conscientes do role que desempenhamos: “Ah que chacun sait bien son rôle | Quoi qu’il ne sache | On ne sait que veut dire | Cette comédie triste et drôle | Aucun d’eux n’en connaît l’auteur” [“Ah, como cada um sabe de cor o seu role | Apesar de não saber | De não saber o que quer dizer | Esta comédia triste e cómica | De quem não conhece o autor”]. Como estes, são inúmeros os exemplos nos poemas franceses (como bem assinala Patrick Quillier no prefácio desta edição) que

mostram como Pessoa permanece igual a ele mesmo quando poeticamente em francês se exprime.

Depois de que disse, e pelo contributo indispensável que esta edição proporciona aos leitores de Fernando Pessoa para um melhor conhecimento da sua obra em geral, apetece lançar um desafio: para quando a tradução na língua materna de Pessoa?